

# F

## Montado

A paisagem e a cultura do Alentejo e Ribatejo contadas através da cortiça

Guardiães do sabor  
O pudim abade de Priscos e outras coisas doces da centenária Cruz de Pedra

## Montado de sobro e de cortiça



# A paisagem identitária do Alentejo e do Ribatejo



● A idade curva-lhe os ombros, arrasta-lhe os pés, deixa-lhe a voz num trémulo murmúrio. Mas basta que lhe ponham a enxó nas mãos e António Matias vira um homem novo. Sobre uma bancada improvisada, crava os dedos nodosos num pedaço de ramo de sobreiro, ainda com líquenes a decorar a casca. Na mão oposta, a enxó lança-se num gesto que conhece de cor. Em três ou quatro golpes certos e vigorosos, a cortiça é tirada num ápice.

António, hoje com 84 anos, sabe que veio apenas fazer uma pequena demonstração de como se tirava cortiça à falca, mas é com brio que o corpo enxuto se faz ao trabalho. Mais um pedaço de ramo, e outro e outro. O chão vai-se cobrindo de madeira nua e placas de cortiça. “Isto é um trabalho muito arriscado, porque a enxó trabalha ao pé das mãos.” Lembra que a lâmina tem de ir bem afiada, senão “aqui o bracinho é que paga”, aponta.

Foi aqui, numa pequena empresa de podas e abate de árvores em Santana do Mato, povoação do concelho de Coruche, o município com a maior área de sobreiro do país, que António “arrumou” a vida profissional há dois anos, depois de um AVC. Se pudesse ainda cá andava, lamenta. “Estava a trabalhar, a espairecer, convivia com os amigos.” Quando parou, no entanto, a enxó que traz hoje já era praticamente uma memória. Actualmente, quase tudo é feito com recurso a máquinas, como aquelas que rosnam em nosso redor por entre os amontoados de troncos e ramos, cortados em pedaços menores com motosserra e levados para descorticar numa espécie de guilhotina eléctrica.

“Já há máquinas para fazer tudo. Antes, a máquina era o homem”, compara. Tinha seis anos quando começou a ajudar o pai a guardar varas de porcos pelo montado. “Mantínhamos ao pasto toda a noite. Íamos a rabo deles pelas cumeadas para comerem as bolotas”, recorda. Numa região profundamente agrícola, António passou a vida no campo, entre o montado e as lezírias. Chegou a “cavar terra

para arroz” descalço, “a cobrar juro com os pés”. Foi ganhão no tempo das juntas de bois. Semeou a lanço centeio, cevada, milho. “Íamos para as lezírias e fazíamos os Invernos todos sem vir a casa.” Só voltavam quando era tempo de semear as batatas, conta. “Era muito diferente, difícil.”

Aos 14 anos, António já ganhava “o preço dos homens”. Com 15 ou 16, começou também na cortiça, num ciclo de trabalhos agrícolas governado pelas estações. No caso da casca do sobreiro, é nos meses de Verão que se despem os troncos da cortiça nobre. No Inverno, trata-se dos ramos podados ou das árvores identificadas para abate - espécie protegida pela lei portuguesa, é necessário aprovação do ICNF para arrancar um sobreiro, sendo o tronco marcado com uma cinta branca. Da falca, sai cortiça para a criação de aglomerados para isolamento, por exemplo (nunca para rolhas), e madeira para lenha ou carvão.

### Paisagem cultural

De tão identitária que é hoje a paisagem do montado no Alentejo e no Ribatejo, custa a crer que este seja um cenário com pouco mais de 150 anos. Por isso, é pela história que Carlos Abreu, engenheiro florestal e técnico do Observatório do Sobreiro

ro e da Cortiça, em Coruche, gosta de começar cada visita. A utilização de cortiça para a criação de uma infinidade de objectos do quotidiano recua milénios, mas é com a evolução da indústria do vinho engarrafado, e da produção de rolhas, que a área de montado começa a expandir-se.

Até finais do século XIX, a região do Algarve era a principal fornecedora de cortiça para rolhas. No Alentejo e Ribatejo, das árvores que nasciam espontaneamente tirava-se para a criação de cortiços para a apicultura, ou para fazer taipais na construção de habitações, pouco mais. “Só que, entretanto, os algarvios já não tinham cortiça suficiente para satisfazer as necessidades dos ingleses, então começaram a vir um bocadinho mais para cima à procura de proprietários que a tivessem para vender”, conta Carlos. Percebendo que havia interesse, e que era uma matéria-prima que “até se pagava bem”, muitos decidiram “começar a cortar outras espécies para plantar sobreiros” nas suas herdades, alterando “um bocadinho a paisagem” da região ao longo das décadas seguintes.

No Casal de Gavião, no concelho vizinho da Chamusca, Maria da Graça Saraiva há-de recordar como toda aquela zona pertenceu à Casa do Infantado. “Eram matas, zonas de

caça no tempo dos reis”, conta. “Depois, com a Revolução Liberal, isto foi vendido e criou-se aqui uma grande propriedade.” É por isso que, quando se fala de montado, descreve-se uma paisagem cultural, criada e gerida pelo homem. Pode ser povoada de azinheiras, mas o projecto que nos traz à região concentra-se no Montado de Sobreiro e Cortiça, uma iniciativa criada no âmbito do programa de apoio comunitário PROVERE, liderada pela autarquia de Coruche, e que une os 27 municípios do Alentejo e Ribatejo onde a área de montado representa, pelo menos, 15% do território.

Criado em 2009, tem como pilares o campo da investigação e inovação (no Observatório do Sobreiro e da Cortiça, inaugurado naquele ano na zona industrial do Monte da Barca, onde se concentram as principais indústrias de transformação de cortiça de Coruche, podem ver-se algumas exposições que resultam de *workshops* com universidades, ou materiais em desenvolvimento, como um equipamento para recolher crude no mar ou uma mistura de betão e cortiça que permite aligeirar estruturas), e as áreas de marketing territorial e turismo.

Neste âmbito, foi lançado no final do ano passado o livro *Montado de Sobreiro e Cortiça - Um território a descobrir*, com algumas das principais atracções turísticas de cada concelho integrado na rede, assim como um passaporte, que pode ser carimbado à passagem por cada município, sobretudo nos postos de turismo, onde é possível ainda obter informações “sobre o que se pode fazer e visitar, onde comer, ou que tipo de experiências existem”, aponta Susana Cruz, vereadora da autarquia de Coruche com os pelouros do Turismo, Cultura e Desenvolvimento Económico. A ideia passa por “trazer pessoas” à região, “criar atractivo associado ao montado”, “dar dinamismo aos territórios de baixa densidade” e fazer com que “o investimento público que os municípios estão a realizar alavanque outros projectos no território do ponto de vista privado”. →



**Paisagem criada há pouco mais de 150 anos, o montado faz, hoje, parte da identidade do Alentejo e Ribatejo, marcando profundamente a cultura, os ciclos de trabalho e a economia local com a indústria da cortiça. Agora, a região quer trazer turistas a conhecer um ecossistema que tem em Portugal a maior mancha territorial do mundo.**

**Mara Gonçalves (texto) e Nuno Ferreira Santos (fotos)**

# Montado de sobro e de cortiça

## Montado de Sobro e Cortiça

O objectivo é também dar a conhecer uma paisagem mediterrânica que tem em Portugal a maior área de floresta de sobro do mundo, concentrando 34% da área total, algo como cerca de 734 mil hectares. Desde 2011 que é Árvore Nacional de Portugal, um estatuto simbólico atribuído pela Assembleia da República. Em Coruche, 50% do território está ocupado por sobreiros, mas o cenário repete-se, em percentagens menores, um pouco por toda a região. Em Ponte de Sor, por exemplo, onde visitaremos o maior mosaico feito com rolhas de cortiça do mundo, exposto no Centro de Artes e Cultura (ver caixa), a indústria de transformação da cortiça “continua a ser o maior empregador do concelho”, mantendo “um impacto brutal na economia” local, aponta Alda Falca, vereadora do município.

Tal como em Coruche, a esmagadora maioria é utilizada na produção de rolhas de microgranulado - as de cortiça natural são produzidas nas fábricas instaladas no Douro, ainda que as placas de cortiça, já preparadas, partam daqui, esclarece Carlos Abreu. “E quantas são feitas por dia em Coruche?”, desafia, para palpites que ficam muito aquém. São “cerca de seis milhões” e, diz, a procura parece “continuar a aumentar”. Hoje em dia, mais de 60% da produção de cortiça continua a ser utilizada no fabrico de rolhas, enquanto 20% é usada na criação de isolamentos, revestimentos e pavimentos. Outros usos, como mobiliário ou moda, mantêm-se residuais.

Mas o montado é muito mais do que cortiça. No Casal do Gavião, caminhamos em território de charneca, “muito diferente do montado alentejano”, aponta Maria da Graça. “É mais selvagem, mais rude.” Mais floresta cerrada de montes e vales. O tempo ameno deste Inverno atípico fez o tojo florescer mais cedo e as pétalas amarelas já pintalgam o solo, mas ainda encontramos um ou outro cogumelo escondido entre a folhagem. Conta Maria da Graça que esta é “uma zona maravilhosa para cogumelos” e, na época, também fazem passeios micológicos.

Professora reformada, decidiu reaproveitar um antigo palheiro e armazém agrícola da herdade de família para instalar o Observatório da Paisagem da Charneca, onde recebem programas escolares (incluindo alunos de universidades estrangeiras para trabalhos de campo sobre as diferentes temáticas associadas a este ecossistema), *workshops* e residências artísticas (na sala, destacam-se as telas de sobreiros pintadas por Manuel CasaBranca) e grupos para programas turísticos e passeios pela herdade. Quer também receber actividades de fotografia de natureza e



*No ecossistema do montado, o omnipresente sobreiro coexiste com manchas de pinheiros mansos e bravos e faixas de eucalipto*

observação de aves, entre outras.

No ecossistema do montado, também de forma a multiplicar as fontes de rendimento económico, recordam, o omnipresente sobreiro coexiste com manchas de pinheiro-manso (produção de pinha) e de pinheiro-

bravo (resina e madeira), faixas de eucalipto. Apanham-se cogumelos, túberas, espargos. As bolotas alimentam a pecuária extensiva, mas “também já está a ser valorizada do ponto de vista económico e transformada em farinha” para a produção de pães

e doces, destaca Susana Cruz. É inebriante o perfume das ervas aromáticas, como o rosmaninho, enquanto caminhamos por entre a sombra das árvores. Numa das encostas, encontramos uma fileira de colmeias para a produção de mel. A influência de todos estes ingredientes no receituário regional é notória.

Sendo um sistema de produção agro-florestal criado pelo homem, é neste carácter multifuncional que está a sua maior riqueza, vão-nos repetindo, sendo “um dos 36 ecossistemas mais importantes do mundo”, destaca Carlos Abreu. É habitat natural de cerca 135 variedades de plantas e 200 espécies de animais, incluindo a coruja do mato, o lince ibérico, a gineta (“tem um papel importante na disseminação de algumas espécies, como o medronheiro), o javali ou o chapim-azul, que ajuda “a combater os insectos e as larvas desses insectos” que se alojam no sobreiro, por exemplo.





**No plano anterior:** António Matias demonstra como se tirava a cortiça à falca

**Neste plano:** detalhes da paisagem do montado no Alentejo e Ribatejo e o Observatório do Sobreiro e da Cortiça, em Coruche



### Património Cultural Imaterial

Por estes dias, a seca invade todas as conversas. No Casal do Gavião, o engenheiro Roberto Martins está angustiado. A água da barragem da herdade está poucos centímetros acima do

solo, o pasto semeado para alimentar as 500 ovelhas ainda mal despontou e, “com o adubo a duplicar ou triplicar de valor numa instabilidade de preços”, ainda “vamos ver” se o milho é plantado. Para a produção de cortiça, os anos consecutivos de seca também não trazem boas notícias.

Ainda que a espécie esteja bem adaptada “à secura, ao calor extremo e até ao fogo” - “dizem que a evolução do sobreiro como árvore tem a ver com a própria resistência ao fogo nas zonas do Mediterrâneo”, aponta Carlos - a falta de água torna-a menos produtiva, gerando cortiça delgada,

sem grossura suficiente para a produção de rolhas.

Lembramos o ciclo: a tiragem da cortiça virgem, mais rugosa e porosa, é feita cerca de 25 anos após a plantação da árvore; a secundária, cerca de nove anos depois, e a amadia - já mais lisa e densa, a única utilizada nas rolhas (quanto menos porosa, melhor a qualidade) - é tirada a partir de então, em ciclos de nove anos. “Um sobreiro pode produzir até aos 200 anos, o que dá, mais ou menos, 15 tiragens.” No entanto, o período de nove anos foi estabelecido por ser, em média, o tempo que a árvore demora a produzir cortiça com a espessura suficiente para produzir as rolhas. Mas “o futuro é produzir mais, melhor e mais depressa”, por isso, entre os ensaios que estão a ser realizados pela indústria conta-se a “rega com fertilização”. “Nem todos os produtores vão conseguir lá chegar porque isso tem um incremento de custos muito maior.”

Outro dos problemas passa pela dificuldade em “perpetuar e chamar mais gente” para a profissão de tirador de cortiça, acrescenta Susana Cruz. Ainda que este seja “um dos trabalhos rurais mais bem pagos do mundo”, numa média de 100 euros por dia, é bastante duro, requer cerca de três anos de aprendizagem e é sazonal, resumindo-se aos →

# Montado de sobro e de cortiça



## Monte Macário

Herdade da Delgada  
Coruche

GPS: 39°00'30.3"N 8°29'47.6"W

Tel.: 933 679 185

E-mail: info@montemacario.pt

Site: www.montemacario.pt



## Sabores de Coruche

Cruzamento Monte da  
Barca - Coruche

GPS: 38°56'48.7"N 8°30'00.1"W

Tel.: 243 618 319

Facebook: @sabores.decoruche

Horário: de terça a domingo das  
12h às 15h30 e das 19h30 às 23h

## Coruja Chef

Quinta de São Martinho - Santo  
António - Coruche

GPS: 38°57'48.6"N 8°31'57.2"W

Tel.: 936 826 311

Facebook: @CorujaChef

Horário: de quinta a terça, das  
12h às 15h30 e das 19h às 22h30



meses de Verão. “Muitas vezes, depois têm de se dividir noutras tarefas no Inverno, ir para o tomate ou para a pinha.” Foi com o objectivo de garantir a salvaguarda do conhecimento e a manutenção deste saber-fazer tão intimamente ligado à produção de cortiça que Coruche lançou a candidatura e, em Dezembro, viu a tiragem da cortiça ser inscrita no Inventário Nacional do Património Cultural Imaterial. “É ambição e objectivo” passar agora à preparação da candidatura à UNESCO, garante Susana, recordando, no entanto, que “são processos longos”.

Normalmente “uma passagem de testemunho” entre familiares e amigos, a tiragem da cortiça requer mui-

ta sensibilidade no uso da machada, o único utensílio utilizado. Num golpe corta, na torção despega do tronco. “Uma despega mal feita vai arrancar um bocado do entrecasco e naquele sítio preciso nunca mais vai nascer cortiça ou vai formar calosidades”, aponta Carlos. No Núcleo Rural de Coruche, instalado no antigo quartel dos bombeiros, está patente uma exposição sobre as diferentes profissões tradicionais, a maquinaria, o artesanato e outros aspectos culturais característicos da história do concelho e, no âmbito da candidatura a património nacional, a primeira sala exibe, por estes dias, uma exposição dedicada à tiragem da cortiça e às suas diferentes aplicações.



## O saber das machadas

Fábio Gabriel aprendeu a tirar cortiça aos 20 anos com uma machada que era do pai, “tirador desde 1984”, conta-nos na oficina de serralharia que tem na Azerveira, localidade do concelho de Coruche. Naquele Inverno, já depois das campanhas da cortiça e

do tomate, lembrou-se que haveria de comprar uma machada para a temporada do ano seguinte. “Fui à procura do senhor que as fazia em Montargil, mas não sabia ao certo onde era. Encontrei um velhote na rua e perguntei-lhe”, recorda. Na conversa, Luís lá se descoseu que era ele o ferreiro, mas a idade já não o deixa-

va continuar. “Na brincadeira”, Fábio lançou-se: “E se lhe comprasse o material todo, não me ensinava a fazer?”

O valor pedido foi tão “insignificante” que Fábio fez a chaminé, montou tudo e, durante quase um mês, “ia buscar o senhor de manhã”. “Ensinava-me aqui durante o dia e,



**Fábio Gabriel (em cima) comprou todo o material a um ferreiro idoso, que o ensinou depois a fazer as machadas**

**No Núcleo Rural de Coruche há uma exposição sobre as profissões tradições ligadas à cortiça**

à tarde, ia levá-lo”. Confessa que pensava que seria trabalho mais simples, mas a machada tem muito saber. É preciso que o carvão arda umas quatro horas para chegar à temperatura desejada - calculada pela cor da chama e da peça depois de ser posta ao fogo. “Começa com dois bocados de barra de ferro nor-

mal”, aponta. Há que bater e rebater, esticar e dar-lhes as “têmporas” desejadas em vários pontos, cortar, soldar, desgastar, polir. São, pelo menos, oito horas de trabalho e, para “dar alguma rentabilidade”, o melhor será começar na segunda-feira e a meio de sábado já ter seis prontas.

“Às vezes, é um bocado revoltante, porque um dia a tirar cortiça é 100 euros, em média. Depois, pedimos 100 euros por uma machada e somos uns ladrões”, compara. Uma peça bem feita, amolada diariamente, dá “para fazer quatro ou cinco campanhas, no mínimo”, garante. A primeira machada que fez, mostra-nos, foi logo em 2007. Desde então, “já perdeu a conta”, mas seguramente foram mais de 100. “Quando comecei isto era para ser quase um *hobby*, mesmo só para a malta aqui de perto.” Mas os clientes começaram a aparecer e hoje costuma mandar “muitas machadas para a zona do Norte”. Aos 35 anos, Fábio deve ser um dos ferreiros mais novos a saber fazer machadas. Os poucos que conhece na região - conta três - terão todos mais de 65 anos, um está nos 80. No entanto, como a temporada é curta, acaba por conciliar com o trabalho na serralharia e outros serviços. Hoje só faz machadas por encomenda.

À cortiça, já só vai um ou dois dias por ano, “para não esquecer”. “Assim ao fim-de-semana, quando a malta desafia, só para matar o vício. É um serviço que gosto muito de fazer.” É um trabalho de equipa e perícia. Por vezes, há que subir aos troncos mais altos “sem cordas, sem protecção nenhuma”. “Os tiradores só tiram e fica para o chão. Atrás costumam vir mulheres, que juntam a cortiça em monte, para depois passar o tractor e carregar.” Noutros tempos, a cocaria preparava o almoço do rancho de trabalhadores debaixo da árvore mais frondosa (ver caixa).

“É uma actividade única e também aqui, não só do ponto de vista da produção e do saber-fazer, tem um potencial turístico muito grande”, aponta Susana Cruz. É uma proposta que já existe em várias herdades e, este Verão, ano de tiragem de cortiça no Casal de Gavião, também está a ser preparado um programa para assistir ao processo, conta Maria da Graça. A ideia será “partir às 7h com o rancho, servir-se lá um cafezinho e, depois, há sempre a possibilidade de fazer aqui um almoço”, no salão do Observatório.

“É muito interessante”, garante Susana. “Não para fazermos, porque requer força e perícia, mas as sensações que retiramos são magníficas. Para já, estamos no campo, na natureza. Depois, a machada quando entra na cortiça e o descolar do sobreiro têm sons únicos a que vale a pena assistir.” “Durante muitos anos, a cortiça foi a fileira para os proprietários e o trabalho duro para quem nela trabalhava”, resume Alda Falca. Hoje, quer-se dar valor a todo esse ofício e saber, perpetuá-lo e valorizá-lo a partir de outras dinâmicas, da arte aos novos usos da cortiça e, claro, a múltiplas actividades turísticas.



**Centro de Artes e Cultura de Ponte de Sor**  
Avenida da Liberdade,

64 - Ponte de Sor

**Tel.:** 242 291 581

**Facebook:** @cac.cmps

**Horário:** de segunda a sexta das 10h às 16h

**Museu Interactivo do Megalitismo**

Rua da Estação

Mora

**Tel.:** 266 439 074

**E-mail:**

geralmegalitismo@cm-mora.pt

**Site:** www.

museumegalitismomora.pt

**Núcleo Rural de Coruche - Centro de Artes, Ofícios e Saberes Tradicionais**

Rua Júlio Maria de Sousa  
Coruche

**GPS:** 38°57'36.9"N 8°31'28.5"W

**Tel.:** 243 610 820

**E-mail:** museu.municipal@cm-coruche.pt

**Site:** <https://museu-coruche.org/>

**Observatório da Paisagem da Charneca**

Casal do Gavião, Gaviãozinho  
Chamusca

**E-mail:** info@opc-paisagem.pt

**Site:** opc-paisagem.pt

**Observatório do Sobreiro e da Cortiça**

Zona Industrial do Monte  
da Barca, lote 41

Coruche

**Tel:** 243 611 210

**E-mail:**

observatorio@cm-coruche.pt

**Site:**

montadodesobroecortica.pt

**Horário:** das 9h às 13h

e das 14h às 17h30

A Fugas viajou a convite do projecto Montado de Sobreiro e Cortiça

# Montado de sobro e de cortiça

## Arraiolos

Sobreira Grande, a árvore portuguesa de 2022

É tão imponente e antiga que lhe deram nome de matriarca: a *Sobreira Grande*, no concelho de Arraiolos, está a representar Portugal na competição Árvore Europeia do Ano, aberta a votação online até ao final de Fevereiro, depois de ter sido a mais votada no concurso nacional.

Localizada na Herdade da Parracha de Cima, perto da aldeia de Vale do Pereiro, a *Sobreira Grande* deverá ter entre 250 e 350 anos. Pela sua dimensão - contam-se 12 metros de altura, mais de seis metros de perímetro de tronco e entre 113 e 120m de perímetro de copa - sempre teve “uma importância cultural” forte na comunidade local, aponta Conceição Santos Silva, da União da Floresta Mediterrânica - UNAC, entidade responsável pela organização do concurso a nível nacional.

Era ali, à sombra dos largos ramos, que descansavam os homens e “o carro do gado” e que, na hora de preparar e comer o farnel, era montada “a cocaria do rancho” nos anos em que havia tiragem da cortiça. A última foi em 2018 e, se uma árvore normal dá entre 1,5 e duas arrobas de

cortiça, a *Sobreira Grande* “deu 80” (cerca de 1200 quilos). “Desde que ganhou, já houve pessoas a irem de propósito visitá-la.”

É a segunda vez que um sobreiro é eleito árvore do ano em Portugal, depois de o Sobreiro Assobiador, na aldeia de Águas de Moura, no concelho de Palmela, ter vencido a competição nacional em 2018 e, em seguida, o concurso europeu. Tinha sido o ano de estreia de Portugal na competição e foi a única vez que uma árvore portuguesa venceu a nível europeu.

## Ponte de Sor

Centro de Artes e Cultura

É a cortiça que nos traz ao Centro de Artes e Cultura de Ponte de Sor, mais precisamente o mosaico criado a partir de rolhas de cortiça pelo artista albanês Saimir Stratir, inscrito no livro de recordes do Guinness em 2014. A matéria-prima foi escolhida pela forte ligação do concelho ao sector - “a indústria da transformação da cortiça continua a ser o maior empregador”, conta-nos Alda Falca, vereadora com os pelouros da cultura e do turismo, entre outros, tendo sido as fábricas instaladas no concelho a ceder a esmagadora maioria das rolhas utilizadas para criar o painel.

O sobreiro está, por isso, represen-

tado, claro, assim como a ponte sobre a ribeira de Sor que dá nome à cidade. Mas o destaque vai para o retrato de José Saramago, principal benemérito da associação Sete Sóis Sete Luas, parceira da iniciativa (ligada, sobretudo, à música e à dança, tem dois pólos no concelho, um no Centro de Artes e Cultura, outro em Montargil). Além do mosaico original, com 24 metros de comprimento e 4,5m de altura, o painel estende-se pela parede lateral da sala.

“Se repararmos, em termos estilísticos e artísticos, é um pouquinho diferente”, realça Clara Prates, técnica de turismo da autarquia. “Quando o júri [do Guinness] chegou, na véspera da inauguração do mosaico, fomos informados de que o recorde já tinha sido batido”, recorda. “Nessa noite, um grupo de voluntários, juntamente com o artista, acrescentou aquela parede do fundo com temáticas relacionadas com a música e com a própria associação.”

Nota Alda Falca: “Até isso é uma história gira. Começou como uma obra de arte e acabou como um desafio à comunidade”. O recorde ficou em Ponte de Sor, como atesta o certificado afixado junto à obra. No total, foram utilizadas cerca de 400 mil rolhas de cortiça, algumas trazidas pelos próprios habitantes da cidade. “Consegu-

mos identificá-las porque algumas estão assinadas”, aponta Clara.

Além do mosaico, no Centro de Artes e Cultura de Ponte de Sor é possível visitar várias exposições temporárias, exibidas em protocolo com a Fundação das Casas de Fronteira e Alorna e com a associação Sete Sóis Sete Luas; a biblioteca e o arquivo histórico; é sede do Teatro da Terra, entre outras instituições locais; e integra dois núcleos de arqueologia industrial. O edifício principal era uma antiga fábrica de arroz e toda a maquinaria foi recuperada e está em exibição. Para complementar e contar melhor este trecho da história do concelho, está a nascer numa das alas do centro o Museu do Arroz. “Queremos inaugurar a 8 de Julho, dia da cidade”, revela Alda Falca.

## Mora

Museu Interactivo do Megalitismo

A região conta com “muitos monumentos megalíticos”, entre espaços funerários, como antas, e outros “mais associados aos cultos à natureza”, como menires e cromeleques. No concelho de Mora, além de “centenas de antas, dois cromeleques e um cruciforme”, foram descobertos dois povoados, o do castelo de Pavia e o da Barroca, “um dos mais antigos do Alentejo, ainda de transição, quando estamos a iniciar as práticas agrícolas”, vai contado Daniela Anselmo, técnica de arqueologia da autarquia, enquanto percorremos os espaços expositivos do Museu Interactivo do Megalitismo (na foto), instalado em 2016 na antiga estação ferroviária de Mora.

Por dentro dos meandros cavernosos de uma enorme estrutura em placas de madeira, “representa a modelação do terreno e, ao mesmo tempo, a estratigrafia”, vamos descobrindo diferentes vestígios arqueológicos e pormenores da vida (e da morte) dos povos pré-históricos.

Ali, vemos diferentes exemplares das placas de xisto com triângulos gravados que “acompanhavam os enterramentos” e que se acredita serem formas de identificação (não há duas iguais). Acolá, participamos numa escavação numa das mesas interactivas. Aqui, vemos alguns dos objectos encontrados. “Estas pedras verdes não temos aqui, tinham de ir buscar a Espanha, aquela iam a Itália. Em Reguengos de Monsaraz, temos marfim, que vinha de África”, aponta Daniela, aproveitando para referir as trocas comerciais que já se realizavam há milhares de anos. “Estamos a falar de pré-história, que se associa sempre a um homem tão primitivo, mas já eram superdesenvolvidos.”

3  
+  
3  
sugestões  
de visita



NUNO FERREIRA SANTOS